

* Possui mestrado e doutorado em Teologia Sistemática; licenciatura em Filosofia, graduação em Teologia e especialização em Pastoral e Comunicação Social. Integrante da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, da Rede Brasileira de Teólogas e do Núcleo Mujeres y Teología de Guatemala. Atua como docente da Faculdade de Teologia na Universidade Rafael Landívar; na Escola de Teología Monseñor Gerardi, para Leigos; no Diplomado em Teologia Feminista promovido pelo Núcleo de Mujeres y Teología de Guatemala, na Conferência de Religiosas/os de Guatemala, no Curso de Formação Bíblica para Leigas y Leigos da Paróquia Nuestra Señora de los Ángeles.

Email: alziramunhoz2@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0003-8769-9191>

Recebido em 02/08/2023

Aprovado em 27/10/2023

MINHA EXPERIÊNCIA COM MARIA DE NAZARÉ

MY EXPERIENCE WITH MARY OF NAZARETH

*Alzira Munhoz**

Resumo: Este artigo busca apresentar ressonâncias da minha experiência com Maria de Nazaré, a partir da caminhada missionária que faz parte da história de trinta anos de formação teológica que desenvolvo junto a mulheres de diversas classes e etnias. A teologia mariana na qual me fundamento perpassa uma perspectiva metodológica narrativa como forma de teologizar a vida e o culto, partindo da Sagrada Escritura e de vivências. Para aprofundar esse tema, parto do princípio da origem humilde de Maria em Nazaré, Maria, como uma *anawin* de Israel, mulher pobre, integrante de um povo que esperava pela vinda do Messias, comprometida com a justiça e a salvação prenunciada, inspira todas as mulheres em todos os tempos a ocuparem seu espaço na teologia e no ministério da Igreja.

Palavras-chave: Maria. Experiência. Mulheres. Basileia.

Abstract: This article searches to present resonates with my experience with Mary of Nazareth, based on the missionary journey that is part of the thirty-year history of theological formation that developed with women from different classes and ethnicities. The Marian theology on which I base myself permeates a narrative methodological perspective as a way of theologizing life and worship, starting from Sacred Scripture and experiences. To explain this theme, it starts from the principle of Mary's humble origins in Nazareth. Mary, as an Anawin of Israel, a poor woman, member of a people who waited for the coming of the Messiah, committed to justice and the salvation foretold, inspires all women in all times to occupy their space in the theology and ministry of the Church.

Keywords: Maria. Experience. Women. Basel.



INTRODUÇÃO

As reflexões que aqui compartilho antes de tudo expressam minha relação e experiência com Maria, uma mulher admirável, que assumiu livremente participar do projeto do Reino de Deus junto com seu povo¹, e a ele se entregou total e conscientemente. Como pobre e com os pobres, e sobretudo com as mulheres judias de sua época, ela também sonhava e buscava o Reinado amoroso de Deus como um mundo alternativo de justiça, paz e solidariedade².

Revisitando o caminho que percorri com Maria, desde o que aprendi com minha mãe, passando pelos cursos acadêmicos que recebi, enriquecidos com a marialogia feminista e latino-americana, sinto que é uma trajetória muito interessante. São alguns aspectos dessa experiência “com” Maria que quero aqui compartilhar, utilizando uma metodologia mais narrativa que especulativa.

A narração é um método ou “um modo de estar na vida e compreendê-la, muito semelhante ao princípio feminino” (CENTRO PIGNATELLI-CHINI, 1988) muito apreciado pelas mulheres, embora não seja utilizado exclusivamente por elas. As narrativas mostram a vida com suas complexidades, convívios e insubordinações subjetivas e coletivas, muito além da pura razão especulativa. A narrativa é uma forma de teologizar sobre o processo quente da vida. A própria razão teológica crítica tem uma estrutura narrativa (cf. METZ, 1973). O método narrativo tem a mesma legitimidade do especulativo, o mesmo fundamento, porém mais próximo da realidade, mais orgânico e temperado pelo húmus da vida (cf. BOFF, 1984, p.11).

Entendida como uma história do que acontece com as pessoas, o que elas sofrem, vivem e desejam, a narração está muito presente na criação teológica das mulheres, permitindo uma nova forma de compreender e interpretar a realidade. A metodologia narrativa permite destacar as falas, ações e articulações das mulheres, em sua maioria ocultas pela narrativa oficial (civil e eclesial) e pela reflexão teológica dominante. A teóloga Elisabeth Schüssler Fiorenza afirma que uma primeira forma de roubar o poder de autonomia das mulheres e, por conseguinte, de sua autodeterminação, implica a perda da memória histórica (cf. FIORENZA, 1985). Mas, se o processo de dominação começa com o mau uso e a eliminação da memória histórica, o processo de libertação, ao contrário, segue o caminho da resistência, tentando reunir os fragmentos ou as brasas da memória subversiva que estão sob as cinzas da opressão, com o intuito de reacender a esperança e nutrir práticas transformadoras. A partir destas breves considerações introdutórias volto meu olhar para Maria.

1 MARIA DE NAZARÉ: UMA MULHER IDENTIFICADA COM O SEU POVO

Vejo Maria de Nazaré como uma mulher judia que emerge no primeiro século da era cristã, provavelmente analfabeta como muitas outras do seu tempo; viveu em Nazaré, um pequeno vilarejo da Galileia. Uma mulher simples, cuja fé foi delineada pelas promessas das Escrituras Hebraicas. Sua espiritualidade foi forjada na vivência e na prática dos deveres religiosos comuns do lar, como acender as velas do Sabbath, por exemplo.

1 Na Bíblia aparecem dois termos para significar a palavra Reino: o hebraico *malkut* e o grego *basileia*. Em português correspondem a: *reino, reinado e realeza*. **Reino** teria uma conotação mais espacial indicando países governados por monarquias. **Reinado** teria a ver com tempo. **Realeza** tem a ver com supremacia e domínio. No hebraico e no grego não há distinção entre esses conceitos. Na Bíblia, o sentido do **Reino de Deus** vai se firmando como **poder divino** no contexto de uma sociedade contrária ao projeto de Deus. Neste texto prefiro utilizar o termo *basileia* para referir-me ao Reinado amoroso de Deus.

2 Jesus não apenas falou da *Basileia*, mas a tornou o centro de sua missão, mediante atitudes e ações que foram uma constante manifestação de sua preferência pelos simples, pobres e excluídos. Anunciar a Basileia implica em trabalhar pela libertação de todo tipo de mal, reconhecendo que o dinamismo divino transformador já está presente na história humana.

Em outras palavras, compreendo Maria como uma mulher atenta à Palavra das Escrituras que escutava na sinagoga de Nazaré; que a assimilou e a manifestou em suas atitudes, agindo sob seu impulso durante toda a sua vida. Ela não somente assumiu ser mãe de Jesus e cuidar dele, mas também mantinha relações com o grupo das mulheres que o seguiram e ficaram junto dele em suas horas mais difíceis, e também testemunharam sua ressurreição, como atestam todos os evangelhos. Mesmo sem entender plenamente os acontecimentos ela não abandonou seu filho em sua missão. Ainda que sejam poucas as referências à sua pessoa, os escritos do Novo Testamento a configuram como uma mulher de fé, consciente, decidida e corajosa, aglutinadora da comunidade cristã nascente, junto com as discípulas da primeira geração crista (Cf. At 1,14).

Com suas amigas discípulas Maria não deixou o projeto de Jesus cair no vazio após sua morte, justamente porque ele já estava bem “gravado e guardado em seu coração”. A comunidade lucana preservou esse detalhe fixando-o nas primeiras páginas do Evangelho, onde Maria aparece junto à comunidade dos pobres que aguardavam a realização das promessas divinas configuradas na Basileia, o reinado amoroso de Deus. Em Atos 1,14 ela é apresentada, metaforicamente, esperando firme, em oração, a epifania e reviravolta do Pentecostes, junto com a comunidade das discípulas e discípulos.

Portanto, é justo ver Maria como uma mulher que fez uma escolha livre e consciente de participar da espera messiânica junto com seu povo, e não como um exemplo de submissão passiva a uma vontade divina absoluta à qual ela tinha que aderir inconscientemente. O escritor lucano captou essas características da vida de Maria e, no Magnificat (1,46-55), coloca em sua boca não apenas um hino de louvor, mas também de indignação e proclamação da visão subversiva e alternativa da Basileia, onde os primeiros e poderosos seriam os últimos e os últimos e humildes, os primeiros³. Nesse sentido, a pastora batista Odja Barros me chama a atenção quando contempla a voz ativa de Maria no Magnificat, a forma

"como todo o seu corpo e seus sentidos estão envolvidos na ação divina. O corpo de uma mulher pobre e oprimida torna-se o centro da experiência reveladora e salvadora de Deus. Portanto, o Magnificat é de grande importância para as mulheres para outros grupos oprimidos que sofrem opressão produzida por sistemas e estruturas que geram e sustentam desigualdades e injustiças" (BARROS, 2023).

É importante destacar que nesse cântico Maria é apresentada como uma mulher israelita que diz “não” ao projeto dos poderosos, em atitude solidária com seu povo, como suas antecessoras bíblicas que também proclamaram a ação misericordiosa de Deus em favor dos pobres: Miriam, a irmã de Moisés (Ex 15,21); Débora, a profetisa (Jz 5,12); Ana, a mãe de Samuel (1Sam 2,1), e Isabel (Lc1,39-45) uma anciã que necessita de apoio numa gravidez de risco, como a própria Maria, que também enfrenta a difícil situação de gerar um filho em condições não comuns. Mais à frente Lucas apresenta uma viúva anciã, Ana, nomeada como profetisa (Lc 2,36-38), que também aguardava firmemente a plenitude da esperança messiânica.

Maria está situada junto dos pobres e humilhados porque sente que Deus não apoia o projeto dos poderosos que os explora e oprime, mas assume a defesa dos humilhados e indefesos (Lc 1,52). Ela é uma anunciadora da esperança porque seu útero carrega a esperança messiânica dos "anawim" de ontem e de hoje que permanecem crendo e anunciando o Deus que lhe revelou. Ela acredita firmemente que os famintos do seu povo

3 O tema da Basileia é tratado amplamente por diversos autores. Aprecio muito a abordagem de Elisabeth Schüssler Fiorenza principalmente em sua obra: *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo: Paulinas, 1992, p.134-166. As reflexões dessa autora muito me iluminaram na reflexão sobre Maria no contexto da Basileia.

não serão abandonados de mãos vazias (Lc 1,53); por isso, luta e espera com fé um mundo expressado nas promessas da Basileia de Deus. Essa composição do Magnificat nos ajuda a vê-la ligada a uma tradição judaica de justiça e profecia. A espada que Simeão prevê atravessar seu coração ainda atravessa os corações de muitas mães cujos filhos perecem sob a tirania dos poderosos de hoje.

“Quantas pessoas se sentem desprezadas, desanimadas e desesperadas diante da realidade de injustiça sem poder vislumbrar horizontes e futuros. Na experiência de Maria de Nazaré e na profecia por ela cantada, somos chamados a fortalecer o nosso espírito e a renovar a nossa fé e esperança no Deus de Maria de Nazaré, o Deus que age pelos "anawim", os pobres de Deus no mundo” (BARROS, 2023).

Em sua condição de mãe Maria tentou compreender muitas coisas humanamente “impossíveis”, como também determinadas escolhas de seu filho. Ela “guardava tudo em seu coração”, observa o evangelho lucano. E não obstante seja apresentada nos bastidores, podemos imaginá-la inserida na comunidade dos discípulos e discípulas de Jesus após a Páscoa. A identidade de discípula e profetisa a situa na comunhão das seguidoras e seguidores de Jesus, no âmago da tradição eclesial. Não é por acaso que a devoção popular mariana é rica em orações, ladainhas e outras invocações que mostram uma Maria solidária com pessoas e grupos humanos abandonados e explorados por sistemas dominantes; isto acontece em todos os países latino-americanos e em outras partes do mundo, como mostra o significativo canto de José Freitas Campos, cantado com tanta fé pelas Comunidades Eclesiais de Base:

“Mãe dos oprimidos, dos perseguidos, dos desvalidos, rogai por nós! Mãe dos despejados, dos abandonados, dos desempregados, rogai por nós! Mãe dos pescadores, dos agricultores, santos e doutores, rogai por nós! Mãe dos boias-frias, causa da alegria, mãe das mães, Maria, rogai por nós! Mãe dos humilhados, dos martirizados, marginalizados, rogai por nós! Mãe do céu, clemente, mãe dos doentes, do menor carente, rogai por nós! Mãe dos operários, dos presidiários, dos sem-salário, rogai por nós!”

Realmente, em Maria muitas pessoas pobres e sofredoras, principalmente mulheres, de todos os tempos se encontram. Para Maria elas acorrem com fé, confiança e esperança. Por conseguinte, a devoção e o culto a Maria não podem ser desvinculados desses clamores. Ela é a inspiração para as discípulas e discípulos na Igreja missionária que deseja ser a serva dos pobres, como tem insistido muitas vezes o Papa Francisco. De fato, nas narrações das aparições ela é identificada com os interesses dos pequenos e oprimidos e a sua própria experiência de fé está ancorada num Deus que está do lado deles.

2 MARIA DE NAZARÉ: UMA ANAWIN COMPROMETIDA COM A JUSTIÇA SOCIAL

Similaridades entre a vida de Maria e a vida dos pobres, denominados coletivamente como *anawin*, são uma importante referência de espiritualidade mariana, sobretudo para as mulheres que vivem em situação de pobreza. Para elas, assim como para mim, Maria não é uma rainha do céu, mas uma mulher da terra, que compartilha das nossas vidas como irmã, mãe, inspiradora e companheira solidária.

Como Maria, muitas mulheres parem seus filhos em situações muito precárias ou mesmo desabrigadas; muitas são forçadas a fugir de seu bairro, de sua cidade ou de sua terra-natal, como migrantes ou refugiadas, com seus filhos e filhas. Inúmeras perdem seus filhos e filhas para as guerras, a prostituição, o tráfico de pessoas, as drogas, o trabalho

escravo e muitas outras formas de dominação e opressão. Há uma certa empatia e identificação dessas mulheres com Maria. Dessa convergência nascem espiritualidades e devoções marianas, bíblicamente bem fundamentadas, comprometidas com o serviço às pessoas em situação de vulnerabilidade, na presença ético-solidária e no cuidado da vida em todas as suas expressões, diferentemente de algumas devoções marianas alienantes e desconectadas da realidade.

Maria também é apresentada em solidariedade com as mulheres na sua luta por criar uma nova ordem social, como muito bem expressa o Magnificat, que é uma síntese da visão alternativa da Basileia, tão sonhada e esperada, como vimos acima, pelos *anawin* de Israel. Assim, a tradição judaica da Basileia, entendida como uma visão de justiça, de dignidade humana, e de salvação para todas as pessoas, em um mundo regido pelos poderes da dominação, opressão e desumanização, permite-nos identificar Maria como uma *anawin* que não se resignou, justamente porque estava comprometida com a transformação da sociedade em que vivia.

3 MARIA DE NAZARÉ: UMA MULHER QUE ESPERA E FAZ A BASILEIA ACONTECER

A cosmovisão político-religiosa da Basileia como o *império do bem-comum*, diferente dos impérios dominadores daquela época, foi realmente determinante e inclusiva para Jesus e seus discípulos e discípulas, portanto também para sua mãe. A maior mudança introduzida pela visão messiânica da Basileia ocorreu principalmente pela “comunhão de mesa” entre pobres, gentios, pecadores, mulheres e judeus-cristãos; e teve especial impacto e adesão entre as mulheres, que se sentiram incluídas e perceberam que na Basileia inaugurada por Jesus elas podiam ocupar um lugar central e serem respeitadas em sua dignidade, como pessoas e como mulheres (cf. FIORENZA, 1992, p. 134-186).

O movimento de Jesus experimentou um Deus de benevolência e inclusivo, que aceitava a todos, sem exceção, suscitando justiça e bem-estar para todas as pessoas, como Maria proclama no Magnificat. Os seguidores e seguidoras de Jesus entenderam que deviam tornar presente o *Reinado amoroso de Deus* como acontecimento salvífico coletivo inclusivo, conforme os princípios e critérios da Basileia, curando, libertando de todo tipo de opressão, animando e reunindo todas as pessoas para participar alegremente da mesa da vida. A presença e atuação de Maria no casamento em Caná, memória da comunidade joanina em Jo 2,1-12, situa-se nessa perspectiva. Nesse texto a figura de Maria não é a de uma mulher que aceita cumprir passivamente uma vontade divina absoluta; ao contrário, ela é apresentada intervindo diretamente e por iniciativa própria, na concretização festiva da Basileia de Deus, que irrompe de formas inusitadas na história dos pequenos através do poder criativo da *Ruah Divina*, com a qual Maria mantinha profunda intimidade e diálogo, como Lucas mostra na cena da anunciação.

Portanto, é surpreendente a espiritualidade mariana que brota a partir da contextualização bíblica da Basileia. Nela Maria é vista no seu devido lugar, não apenas como mãe, mas também como uma profetisa, mulher de fé e coragem, que não tem medo de se expor porque sabe que Deus, por meio dela, faz “grandes coisas” (Lc 1,39-56). Ela sabe reconhecer os sinais de Deus atuando na história do seu povo para libertá-lo. A memória da luta de muitas mulheres, suas antecessoras, pela libertação do seu povo está bem viva no seu coração. Por isso, ela cultivava uma espiritualidade atenta aos seus clamores e não desanima diante da violência e opressão dos poderosos; é uma espiritualidade que restabelece a força dos fracos e afirma a coragem de quem luta na defesa da vida dos pobres.

Assim é, também hoje, a espiritualidade das mulheres e de todas as pessoas que se colocam a serviço do povo oprimido: uma espiritualidade que desafia as forças opressoras e dominadoras porque sabe que o seu Deus não abandona seus filhos e filhas, e quer uma “vida com abundância para todas as pessoas” (Jo 10,10). Cabe a nós, como servidoras e servidores do Reinado amoroso de Deus, potencializar a ação de Maria entre os “pequeninos”, amados de Jesus e causa da sua missão.

Outro aspecto que considero importante é que a pessoa de Maria, como vimos acima, une e potencializa todas as pessoas que a ela recorrem, sobretudo as mulheres, tornando-as persistentes e corajosas, capazes de enfrentar e superar obstáculos. A devoção mariana, nessa perspectiva, adquire uma dimensão profético-libertadora, já que é uma espiritualidade histórica, capaz de ler os sinais de Deus na história pessoal e coletiva, e atuar na realidade de hoje em consonância com os princípios e critérios da Basileia de Deus.

Desde esta perspectiva, uma “Igreja em saída”, como propõe o Papa Francisco, não pode assumir e/ou alimentar nenhuma prática devocional mariana que retire Maria do seu contexto antropológico, sócio-histórico, político e religioso. Os *anawim*, ainda hoje, têm o sagrado direito de se aproximar de Maria a partir de sua real situação, ou seja, de seus sofrimentos e suas esperanças, e de se identificar com ela em sua fé, sua força, sua coragem e persistência, seu serviço solidário e sua entrega ao projeto libertador de Javé, tão bem expresso no Magnificat, constituído de justiça, paz e solidariedade universal. Há que se questionar, portanto, muitas devoções Marianas que não têm essa dimensão bíblico-missionária libertadora e não conduzem à transformação da realidade das pessoas pobres e sofredoras, as amadas e preferidas de Jesus e de Maria.

4 MARIA E OS PROJETOS DE SORORIDADE ENTRE MULHERES

A Igreja Católica tem grande apreço pela pessoa de Maria e, por isso, incentiva e orienta, através de documentos e pronunciamentos, o culto mariano. Mas, as práticas devocionais criadas e propagadas por muitos clérigos e leigos não condizem com a orientação dos documentos. Em muitas paróquias, grupos e movimentos eclesiais há um devocionismo mariano ingênuo e fanático, que não educa nem conduz a uma fé mariana adulta, comprometida e libertadora.

É comum, na tradição cristã, apresentar Maria como *mulher, virgem e mãe*. Esses atributos ou identificações de sua pessoa parecem ser indiscutíveis, sobretudo na tradição dos antigos Padres da Igreja. É a partir dessa tríplice condição identitária que os fiéis se achegam a ela, dobram os joelhos, cantam, pedem, choram, fazem promessas e peregrinações, a proclamam e coroam rainha do céu, mudam periodicamente suas roupas demonstrando-lhe respeito, cuidado e reverência. Diante da imagem de Maria, todos se transformam em crianças ou mendigos, como se ela fosse o último recurso para sair de uma situação extrema, sem perspectivas. As relações com ela nunca são rompidas, mesmo que os fiéis não tenham seus pedidos satisfeitos. O desejo de superar a orfandade e o abandono, em suas diferentes formas, está sempre presente nessa relação.

Além dessas identificações de Maria, a nós, mulheres, nos apresentam a figura de uma Maria humilde, silenciosa, serva, que nada questiona e sempre diz “sim” a todos. Uma Maria “puríssima”, que nunca passou pelas dificuldades que a maioria das mulheres têm que enfrentar em sua vida sexual e em suas relações conjugais. Essa figura idealizada e estereotipada de Maria não nos faz bem. A história e a espiritualidade das mulheres estão repletas de experiências de auto culpabilização que leva a um distanciamento da Maria histórica, que passou pelas mesmas dificuldades das mulheres de seu tempo. Por isso, quero

concluir este texto apresentando Maria desde outra perspectiva. Uma Maria necessitada da sororidade de outras mulheres, identificada por Lucas na pessoa de Isabel e de outras mulheres como vemos a seguir:

“...Fique sabendo que a sua parenta Isabel está grávida, mesmo sendo tão idosa. Diziam que ela não podia ter filhos, no entanto agora ela já está no sexto mês de gravidez. Porque para Deus nada é impossível” (...) “Alguns dias depois, Maria se levantou e, às pressas, se pôs a caminho de uma cidade da região montanhosa da Judéia. Entrou na casa de Zacarias e cumprimentou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança se agitou no seu útero. Então, cheia do poder do Espírito, Isabel proclamou bem alto: - Você é abençoada entre todas as mulheres, e a criança que você vai ter é abençoada também! Quem sou eu para que a mãe do meu Senhor venha me visitar?! Quando você me cumprimentou, a criança ficou alegre e se agitou no meu útero. Você é abençoada, pois acredita que vai acontecer o que o Senhor lhe disse”. (Lc 1,36-37; 39-45 - Bíblia na Linguagem de Hoje).

Não vamos refletir aqui sobre a questão amplamente discutida a respeito da historicidade dos fatos mencionados neste texto. Sabemos que os evangelhos são narrativas de alento espiritual, iluminação da fé e sustento para a vivência das primeiras comunidades cristãs, assim como para nós hoje. Portanto, são narrativas que apontam para realidades teológicas, muito mais que para os fatos descritos.

O texto acima retrata com singeleza e vigor o dinamismo de duas mulheres, uma adolescente e a outra idosa, buscando, reciprocamente, a confirmação e o fortalecimento de seu ser mulher, seu poder, sua autoridade e autonomia. Elas não necessitam de nenhuma permissão ou confirmação de homens para se afirmarem e se proclamarem particularmente agraciadas pela força da Ruah Divina. Ao contrário, buscam e encontram em si mesmas e uma na outra as razões da própria fé e esperança.

O encontro ocorre na casa do sacerdote Zacarias, mencionado um pouco antes; mas nesta cena não há nenhuma presença ou ação masculina, nem mesmo do anjo Gabriel, interlocutor importante nas cenas dos dois primeiros capítulos do evangelho lucano. A solidariedade entre a jovem e a idosa é apresentada com ênfase. A alegria de ambas é contagiante. A liberdade e espontaneidade está presente em cada palavra do texto. Cada uma está vivendo uma situação muito especial como mulher, no contexto de uma sociedade patriarcal que estimula a inimizade e a competição entre as mulheres. Isabel, em idade bastante avançada, vivencia uma gravidez inesperada e complexa. Maria, por sua vez, experimenta as primeiras sensações de uma maternidade juvenil, sob a mira dos guardiães da lei e da religião, que prescreviam castigos especiais para mulheres que não se enquadravam no padrão sociocultural e religioso da época.

Embora em idades e condições sociais e religiosas bem distintas ambas vivem, pela primeira vez, a experiência da maternidade, desafiando as regras estabelecidas pelo sistema socioreligioso vigente. As duas são apresentadas cheias de poder, “grávidas” da *dynamis* da Ruah, demarcando um novo tempo messiânico de libertação para o seu povo, a exemplo de diversas mulheres do Primeiro Testamento, como Jael (Jz 5,24) e Judite (Jd 13,18).

É evidente entre Isabel e Maria uma peculiar sintonia, um tipo sororidade e cumplicidade que contrasta com a cultura androcêntrica patriarcal, a qual concebe as mulheres como competidoras e inimigas potenciais, e as estimula a assumirem esse estereótipo. Estas duas mulheres, ao contrário, entrelaçam seu coração e seus corpos num abraço cheio de ternura, cumplicidade e contemplação recíproca do mistério que as envolve e pulsa forte em seus ventres. O útero estéril da mulher idosa agora estremece com a vida que nele se desenvolve pela ação da Ruah Divina. E o útero fértil da jovem, ainda

inexperiente, também vibra em sintonia com a anciã plena de sabedoria. Ambas abençoam uma à outra e profetizam. Uma profecia que provoca, denuncia e sacode as bases do patriarcado, que designava para mulheres em tais situações uma sorte bem diferente.

É impressionante como o texto ressalta a coragem destas duas mulheres. “Maria se levantou e, às pressas, se pôs a caminho...” (v.39). Quem se levanta é sujeito de ações e, portanto, de autonomia. Quem toma a palavra e rompe com a obscuridade histórica imposta às mulheres, mina as bases do sistema patriarcal dominador e opressor. São mulheres conscientes e audaciosas, que se unem e se apoiam sororalmente; por isso, são capazes de gerar processos inusitados de transformação.

Por sua vez, Isabel também aparece no texto como uma mulher forte e sábia, que acolhe uma adolescente grávida. Justamente por estar vivenciando uma gravidez excepcional, é capaz de compreender, se solidarizar e acolher uma jovem assustada, que vivencia pela primeira vez uma gravidez inesperada, exatamente no período entre o noivado e a consumação do casamento. Em sua idade avançada Isabel sabe, por experiência própria, o que significa ser estigmatizada e marginalizada por estar fora do “padrão” socioreligioso designado para as mulheres de sua época. Certamente para Maria foi muito importante esse apoio de outra mulher mais madura e experiente num momento tão difícil, assim como o é para tantas adolescentes de hoje que passam por situações não menos preocupantes.

Antes de começar escrever este texto perguntei a um grupo de mulheres de uma comunidade urbana qual teria sido sua atitude se cada uma tivesse uma filha adolescente que, inesperadamente, fosse engravidada por algum atrevido. Os comentários foram bem diversificados, mas todas foram unânimes em dizer que fariam “o possível e o impossível” para proteger a garota de olhares maldosos e de comentários e atitudes discriminatórias, tanto da família como da comunidade. Duas narraram experiências de estupro na própria família, e de como tiveram que levar a adolescente para a casa de outros parentes da área rural, a fim de protegê-la e ajudá-la a atravessar aquela fase difícil com segurança e serenidade, longe das “más línguas”.

Outras contaram que o próprio grupo havia acompanhado uma adolescente grávida, expulsada de sua família, que buscava apoio e orientação para fazer o acompanhamento pré-natal, que a mesma adolescente não sabia muito bem no que implicava. Foi importante para a jovem, mas também para elas, individualmente e como grupo, acolher e acompanhar aquela jovem mãe, compartilhando com ela seus próprios conhecimentos e experiências de gravidez, amamentação e cuidados com suas crianças, assim como os cuidados que a garota devia ter para não engravidar novamente. Todas ressaltaram a importância da entreeajuda, da solidariedade, do toque, da massagem e de outros cuidados que elas dispensaram àquela jovem mãe, de forma que todas se assumiram como “cuidadoras” dela e “madrinhas” do bebê.

Enquanto eu ouvia essas narrativas pensava em muitas adolescentes que passam por experiências semelhantes tendo que abandonar os estudos e a vida familiar para se proteger, em casas de parentes ou amigas, de violências sexuais. As pesquisas ao redor do mundo mostram que o número de adolescentes engravidadas está aumentando a cada ano, sobretudo em áreas de imigração e de conflito armado entre muitos países, mas também em lugares onde não há políticas públicas para mulheres.

Aqui em Guatemala, onde estou vivendo atualmente, cerca de quatro mil adolescentes, entre dez a catorze anos, são engravidadas e dão à luz a cada ano, sendo que um grande número dessas gravidezes é resultado de incesto. Em 2017, exatamente no dia 8 de março, Dia Internacional de Lutas das Mulheres, quarenta e uma adolescentes de um

presídio da capital de Guatemala, se rebelaram exigindo direitos e justiça, e todas morreram queimadas. As autoridades nada fizeram para evitar ou conter a tragédia. As cruzes com o nome de cada uma foram fincadas na praça da catedral e do palácio do governo, clamando por justiça e dignidade. A última pandemia que abalou o mundo revelou a cara oculta e cruel da violência sexual doméstica que afeta meninas e adolescentes em nossa região, totalmente desprotegidas por políticas públicas que simplesmente não existem.

Nesse contexto, o encontro entre Isabel e Maria ilumina e mostra como é importante a luta por políticas públicas e o cultivo da sororidade entre as mulheres. Não importa a idade. É através de visitas, da partilha de experiências e de conhecimentos, do apoio recíproco, da organização, que se pode criar um mundo diferente, onde as mulheres podem cuidar umas das outras e desenvolver suas potencialidades em favor de si mesmas e do bem comum. Esta espiritualidade sororal pode ser construída passo a passo, na cotidianidade. Maria e Isabel, ao se encontrarem, não se limitaram a expressões recíprocas de afeto e reconhecimento da ação divina em suas vidas, mas a partir do “amor a si mesmas” e da sororidade, celebram a ação divina em favor de todas as pessoas pobres e humilhadas da história. Elas estão conscientes de que seus ventres carregam uma história futura plena da esperança messiânica. O “novo” que cada uma leva em si já é semente de libertação e fonte de alegria e dinamismo para todas as pessoas que acreditam e atuam para criar uma ordem social diferente, onde todas as pessoas possam desfrutar a vida com justiça e dignidade.

FINALIZANDO

A contemplação de Maria, como expressa este texto, une e empodera todas as pessoas que a ela recorrem, especialmente as mulheres, tornando-as persistentes e corajosas, capazes de enfrentar e superar os obstáculos que a vida apresenta. A devoção mariana, nessa perspectiva, adquire uma dimensão profética, política e libertadora, a partir de uma espiritualidade histórica, capaz de ler os sinais de Deus não apenas na história pessoal, mas, também na história coletiva, e de agir na realidade atual de acordo com os princípios da Basileia, o Reinado amoroso de Deus.

A Igreja não pode assumir ou nutrir qualquer prática devocional mariana que afaste Maria de seu contexto sócio-histórico, político e religioso. Os mais pobres (os Anawim), ainda hoje, têm o sagrado direito de se aproximar de Maria a partir da sua situação real, e de se identificar com ela pela sua fé, sua força, sua persistência, seu serviço solidário e sua dedicação ao projeto libertador da Basileia, constituída de justiça, paz, abundância e solidariedade. Especialmente no contexto do continente latino-americano e caribenho, Maria brilha como exemplo vivo de adesão ao projeto de Jesus, que nos convida a “sair” ao encontro das pessoas mais sofridas na realidade em que vivemos. Não é por acaso que neste continente ela é invocada como “Estrela da Evangelização”.

CONVERSANDO COM MARÍA...

Maria, mãe, irmã, companheira e inspiradora
Permita-nos contemplar teu coração vibrante, pleno da
dynamis divina, que te impulsionou ao encontro de Isabel.

Mulher profética, coração em sintonia com Deus
e atento aos clamores do teu povo, ajuda-nos, com
teu cântico de libertação profética, a estar em
sintonia profunda com os clamores, os sonhos
e lutas dos povos de hoje que clamam
por justiça e direitos.

Mulher peregrina na fé, teus pés empoeirados acompanharam
teu coração missionário pelos caminhos do teu povo,
Ajude-nos a seguir teu exemplo de fé, coragem e profecia
sendo uma presença que acolhe e cuida da
vida ameaçada e desprotegida.

Maria de coração compassivo e aberto à realidade machucada,
abre nossos corações para que sejamos uma presença
de esperança e solidariedade.

Como nas bodas em Caná, nós também queremos estar a serviço da vida
com atenção e criatividade compartilhando alegria, semeando
esperança e construindo a irmandade universal.

Maria, mulher solidária, estreita entre as mulheres os laços de sororidade.
Que continuemos criando espaços de participação em nossas comunidades.

Te pedimos que renoves a esperança do teu povo
com o "vinho novo" da libertação.
Assim esperamos e que assim seja!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Odja. *O Magnificat é a resposta de Mária ao anúncio de Isabel*. Reflexão sobre Lucas 1,39-56. Disponível em: <https://cebi.org.br/reflexao-do-evangelho/comentario-do-evangelho/#:~:text=O%20Magnificat%20%C3%A9%20a%20resposta,humildes%20e%20espoliados%20da%20terra>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.

BOFF, Clodovis. *Teologia pé-no-chão*. Petrópolis: Vozes, 1984.

CENTRO PIGNATELLI-CHINI. *Teologia Narrativa, un modo de hacer Teología Feminista*, Zaragoza, noviembre 1998. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjw6Z-Uxc7tAhUCCKwKHciKDD4QFjABegQIAhAC&url=http%3A%2F%2Fccparagon.pangea.org%2Fteologia%2Farchivosteologia%2Fteologianarrativa.htm&usg=AOvVaw1SbQ3czK-RD9W cAoz-DzrF>. Acesso: 14 de agosto de 2023.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *As origens cristãs a partir da mulher: uma nova hermenêutica*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1992.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. Quebrando o silêncio: a mulher se torna visível. *Concilium*, Petrópolis, n.202, p.8 (618)-23(633), 1985/6.

JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa verdadeira irmã: Teologia de Maria na comunhão dos santos*. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 2006.

METZ, Johann Baptista. Pequena apologia da narração, *Concilium*, Petrópolis, v.85, n.2, p.580-592, 1973.

SEBASTIANE, Lilia. *Maria e Isabel. Ícone da solidariedade*. Trad. Tomás Belli. São Paulo: Paulinas, 1998.